

# Os empresários preferem ironizar

Os empresários ainda têm muitas dúvidas sobre o Plano Real. Mas, por enquanto, não estão gostando das suas propostas. Para o diretor-adjunto do departamento de Economia da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Roberto Nicolau Jeha, já está na hora de o



*Vidigal*

governo “parar de consultar aprendizes de feiticeiro e deixar as idéias esdrúxulas de lado”, partindo para uma proposta mais séria de ajuste econômico. Na sua opinião, o Plano Real parece **merchandising** de banco.

Uma proposta mais séria, no entender de Jeha, deveria incluir o fim dos incentivos à Sudam, à Sudene e à Zona Franca de Manaus, que consomem cerca de 1,8% do PIB. Também não deveriam faltar o corte de pessoal excedente, o fechamento de empresas fantasmas e a privatização de estatais.

Externamente, seria necessário um novo acordo da dívida, que fizesse com que o País parasse de mandar, todo ano, de 4% a 4,5% do PIB para o Exterior. Somente assim, conclui Jeha, o governo poderia deixar de praticar essa política monetária “maluca”, de jogar os juros para cima apenas para poder rolar a dívida.

Para o empresário Feres Abujamra, também diretor-adjunto do departamento de Economia da Fiesp, “não adianta trocar uma coisa que não vale nada por outra que não se sabe se vai valer alguma coisa”. Já o vice-presidente da Confederação Nacional das Indústrias, Luís Eulálio de Bueno Vidigal, acredita que o Plano Real vai tornar os ricos mais ricos, os pobres mais pobres e acabar com a classe média. A razão, explicou, é que o plano estará favorecendo quem tem ativos reais, como o ouro, dólar ou ações. Por essa razão, sua

previsão é que, no primeiro momento, haverá uma fuga maciça das aplicações financeiras, para esses ativos.

O presidente indicado da Febraban (Federação Brasileira dos Bancos) Léo Cochrane Júnior, concorda que é preciso fazer alguma coisa para conter a alta de preços. “Mas esse tipo de saída já foi tentada duas vezes e não deu certo, e não existe nenhuma razão para que dê certo agora.” No entanto, ele mesmo lembra um provérbio inglês: “Quando não se consegue na primeira vez, é preciso continuar tentando”.

O economista Carlos Longo, por enquanto, também só vê pontos negativos no plano de Francisco Lopes. Em primeiro lugar, ele acha que um plano como esse, antes de ser discutido pelo Congresso, deveria ser analisado por trabalhadores, empresários e pelo governo. Em segundo, não é assunto para ser decidido pelo Legislativo — que não tem, nem precisa ter, conhecimento técnico —, mas pelo Executivo. Em terceiro, não se deveria dar tanta autonomia ao Congresso para decidir sobre a expansão dos meios de pagamento (“isso é tarefa do Banco Central”). E, por último, Carlos Longo acha muito difícil a convivência de duas moedas: “Melhor seria fazer a mudança de uma vez”.

O ex-assessor do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano, considera que o Plano Real só terá chances de dar certo se, durante os quatro meses de transição, for estabelecida uma “âncora de valores nominais constantes”. Isto é, se preços, salários e câmbio chegarem a um ponto de equilíbrio, em que seja possível atingir uma inflação real zero. Segundo Nakano, seria o mesmo que todos os valores fossem fixados em dólar.